



ALEXANDRE, O GRANDE

Até para um leitor de Montaigne, habituado a refletir sobre a morte, como é o meu caso, a notícia do falecimento de um amigo tem a forma de uma desagradável surpresa. Ao contrário de Heidegger, que definia o homem como um ser para a morte, prefiro pensar como Arendt para quem, malgrado o desiderato humano seja a finitude, não nascemos para morrer, mas para viver. Daí o paradoxo da morte: aguardada e inesperada, sabida, porém, não antecipável, escandalosa e ordinária, íntima e impessoal...

Na manhã de ontem, acordei com o comunicado da partida do professor Alexandre Belo, alguém que entrou em minha vida quando eu tinha 17 anos de idade, calouro do curso de direito da UFPB. Ainda me recordo da postura rebelde do professor Belo que entrou em sala de aula portando calça jeans, camiseta branca e sandálias de couro. Ato contínuo, iniciou sua lição sobre Teoria Geral do Estado elogiando o modelo auto gestor implantado na antiga Iugoslávia. De aluno pasmo com sua maneira transgressora de ensinar, passei a ser seu monitor e, poucos anos mais tarde, tornei-me colega do meu mestre no exercício da docência. Ao curso de três décadas, caminhamos lado a lado como acadêmicos, pesquisadores e no exercício de cargos públicos. Ele tinha muito orgulho disso. Com gargalhadas, costumava dizer que eu era seu invejoso sucessor. Não era. Belo era uma inspiração.

Como diria Jackson do Pandeiro, deixem que digam, que pensem, que falem, mas eu posso testemunhar que aquela figura, para muitos imponente, assustadora e por vezes agressiva, era, na verdade, uma persona em sentido teatral. O escritor argentino Jorge Luís Borges, em seu poema sobre o tigre de Palermo, conta que observando este felino enjaulado pensou que estava diante de um animal sanguinário. Norah, sua irmã, ainda menina, retrucou: “foi feito para o amor”. Alexandre Belo foi, igualmente, um tigre feito para amar e eu, como a pequena Norah, identifiquei sua sigilosa delicadeza.

É com o coração contrito que me despeço hoje de um querido amigo. Adeus, Alexandre, insubstituível professor.

Eduardo Rabenhorst
João Pessoa, 15 de dezembro de 2023